

**ESTRUTURAS E PROCESSOS COGNITIVOS NOS EVENTOS DE FALA DE
VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER**

Cognitive structures and processes in the events of talk on violence Against women

Alexandre Ferreira da Costa
alexandrecoستا@ufg.br
Orcid: 0000-0003-1243-1927

Renata H. de M. Souza
renataherwig@discente.ufg.br
Orcid: 0000-0002-0082-8065

Leosmar Aparecido da Silva
silva515@ufg.br
Orcid: 0000-0002-3954-3518

RESUMO: O artigo discute as questões sobre gênero social, sob a perspectiva da Análise do Discurso Crítica e de alguns aspectos da Linguística Cognitiva, os processos e as estruturas que caracterizam a violência. O *corpus* de análise é constituído por comentários presentes no *blog* “Violência contra a mulher”, criado por estudantes de Ciências Contábeis da Universidade de Brasília em 2011. Na análise, descrevemos os processos, os participantes e as circunstâncias dos enunciados que tratam da violência contra a mulher. Os resultados mostram que estão evidenciadas as questões de poder e ideologia sob o olhar do gênero social. Há ainda a valorização de um discurso machista que vê a mulher como posse, símbolo de prazer e alvo de agressão.

Palavras-chave: Violência. Protótipo. Linguística Cognitiva. Mulher.

ABSTRACT: The following study discusses social gender issues, in Critical Discourse Analysis and some aspects of the Cognitive Linguistics (CL), the processes and structures that are characterized by violence. The corpus of analysis come from the *blog* “Violência contra a mulher”, created by students of Accounting Sciences at the Universidade de Brasília. In the Analyses we described the process, the circumstances where the discusses were produced. The results shows aspects of power and ideology around the glance of the social gender. Exists the vaporization of the men, sexist discourse that sees women as possession and symbol of pleasure and a target of aggression.

Keywords: Violence. Prototype. Cognitive Linguistics. Women.

Estruturas e processos cognitivos nos eventos de fala de violência contra a mulher

O Ponto de Partida

Eu sempre fui feminista. Isso significa que eu me oponho à discriminação das mulheres, a todas as formas de desigualdades baseadas no gênero, mas também significa que exijo uma política que leve em conta as restrições impostas pelo gênero ao desenvolvimento humano¹ (BUTLER, 2011, p. 34).

Escrever um texto que discuta a questão da violência contra as mulheres é um evento² desafiador, uma vez que a adoção dessa posição é essencial por ser um problema social que vem ocorrendo desde o início da sociedade patriarcal. Com esse olhar, o artigo toma a voz de Butler (2011), filósofa e pesquisadora feminista, mostrando como as pesquisas teóricas existentes têm contribuído para reflexões em relação à violência doméstica³ e as identidades⁴ femininas.

O pensamento de Butler (2011) em relação aos aspectos de submissão da mulher em relação ao homem, remete a algo específico do modelo autônomo de letramento⁵, cujas ideologias sempre privilegiam o poder do homem na sociedade. Fairclough (2001a, p.117) define ideologia como “significações/construções da realidade (o mundo físico, as relações sociais, as identidades sociais) que são construídas em várias das formas/sentidos das práticas discursivas e que contribuem para a produção, a reprodução ou transformação das relações de dominação”. Com isso, o discurso pode ser visto como ideológico.

Para remeter às formas **de desigualdades no gênero**⁶, desenvolvemos neste artigo uma reflexão por meio da perspectiva da Análise de Discurso Crítica (ADC⁷), que tem entre suas preocupações suscitar e questionar as diversas formas de injustiças e desigualdades sociais, de modo a contribuir para a transformação social. Com a Língua Sistêmico-Funcional (HALLIDAY, 1994), apresentamos evidências sobre a transitividade, identificando nos aspectos textuais como os valores, os sentimentos e as identidades são constituídas, tendo como suporte o *blog* “Violência contra a mulher”. A ADC é empregada na análise dos dados pelo fato de entender os modos pelos quais a linguagem se manifesta, bem como seus usos e situações que moldam sua estrutura, verificando os significados representacionais presentes nos relatos analisados.

Quanto às **restrições impostas pelo gênero**, apoiamos nos construtos de Castells (2006) e Giddens (1993) com relação ao gênero social, às relações de poder, a subordinação à figura masculina, o patriarcalismo e o movimento feminista.

¹ Dar voz para as mulheres na composição de cada seção é um dos modos de desconstruir a autoridade imposta na linguagem sobre a figura masculina, contrariando a reprodução de determinados aspectos representacionais da linguagem.

² Para Barton (1994), os eventos de letramento são as atividades particulares em que o letramento tem um papel, com participantes e com a característica de ter um princípio e um fim.

³ Em matéria do G1, 43% de jovens entrevistados afirmam ter visto a mãe ser agredida. Disponível em: <<https://g1.globo.com/bemestar/violencia-contramulher.html>>. Acesso em: 30 abr. 2022.

⁴ Rajagopalan (1998) postula que as identidades são construídas em processos linguísticos sociais de natureza ideológica e podem ser transformadas.

⁵ Nos estudos de Street ([1984] 1993), o modelo autônomo de letramento (M.A.L) desvincula as práticas de leitura e de escrita do contexto social, não levando em consideração os fatores, os contextos sociais de produção e de interpretação.

⁶ Os grifos são usados para atribuir significados/posições e autoria ao texto.

⁷ “A ADC cuida tanto do funcionamento do discurso na transformação criativa de ideologias quanto do funcionamento que assegura a reprodução” (RESENDE, 2022, p.47).

Alexandre Ferreira da Costa, Renata H. de M. Souza e Leosmar Aparecido da Silva

A ideia é considerar que a categorização prototípica da questão da violência é algo que depende de experiências diretas ou indiretas dos sujeitos, as quais os sentidos têm relação com os fatores históricos e socioculturais. Feltes (2007, p. 259) afirma que “a violência não é um fenômeno inerente a determinadas ações, é produto de uma determinada experiência biopsicossociocultural”. Levamos em consideração também a teoria dos modelos cognitivos, por ser uma perspectiva teórica que tem como base a teoria dos espaços mentais, fazendo uma relação do “papel de fatores cognitivos com princípios de organização do conhecimento e estratégias de processamento” (FELTES, 2007, p. 116).

O artigo está organizado em três seções. Na primeira seção, trazemos o arcabouço teórico da Análise de Discurso Crítica, abordando conceitos de identidade, prática social e discurso, como uma forma de reconhecer identidades. Na segunda seção, abordamos discussões sobre os modos como a linguagem é utilizada em diferentes propósitos, contextos e situações que moldam a estrutura. Para desvelar as marcas linguísticas (processos mentais), temos como corrente a Linguística Cognitiva e a Linguística Sistemico-Funcional por serem arcabouços teórico-metodológicos usados na ADC. Na terceira seção, tratamos da análise dos processos verbais, *corpus* de análise, retirados do *blog*, “Violência contra a mulher”, situando os relatos de Andrade e Oliveira na perspectiva representacional do discurso⁸.

1 A linguagem como fonte de libertação e reconhecimento de identidades

Seja qual for a liberdade pela qual lutamos, deve ser uma liberdade baseada na igualdade (BUTLER, 2011, p. 34).

Falar de igualdade é compreender os princípios da Análise de Discurso Crítica. É situar nossa luta no entendimento dos mecanismos linguísticos e sociais presentes nessa abordagem, focando no reconhecimento das marcas de violência presentes nos discursos das mulheres.

A escolha dessa linha teórica está associada ao caráter emancipatório, por considerarmos a linguagem como prática social⁹ e pelo olhar crítico para as relações de poder¹⁰ de dominação e de resistência. Fairclough (2001a) postula que as práticas são constituídas ao longo da vida social, nos domínios¹¹ especializados, como da economia e da política, mas também no domínio da cultura, incluindo a vida cotidiana, como é o caso do *corpus* de análise o *blog* “Violência contra a mulher”.

Tudo indica que a reflexão proposta sobre discurso e identidades é uma forma de ‘empoderamento’, em termos de língua, um dos modos de dizer, não como um modo de dizer o que acham que é correto, que produz silenciamentos, não só das mulheres, mas de muitos outros dizeres.

⁸ “O significado representacional de textos é relacionado ao conceito de discurso como modo de representação de aspectos do mundo” (RESENDE, 2022, p.70).

⁹ “Entender o uso da linguagem como prática social implica compreendê-lo como um modo de ação historicamente situado, que tanto é constituído socialmente como também é constitutivo de identidades sociais”. (RESENDE, 2022, p.26).

¹⁰ Na concepção de Gramsci ([1988] 1995 apud RESENDE, 2022, p.43), “o poder de uma das classes em aliança com outras forças sobre a sociedade como um todo nunca é atingido senão parcial e temporariamente na luta hegemônica, assim compreendido, está em harmonia com a dialética do discurso”.

¹¹ Para Marcuschi (2008, p. 155), o “domínio discursivo constitui muito mais uma ‘esfera da atividade humana’ no sentido bakhtiniano do termo do que um princípio de classificação de textos e indica instâncias discursivas (por exemplo: discurso jurídico, discurso jornalístico, discurso religioso etc.)”.

Estruturas e processos cognitivos nos eventos de fala de violência contra a mulher

Pautar nossos dizeres em outros promove debates, como o que ocorreu na Universidade de Lancaster, nos anos 80, sobre a necessidade de investigar os problemas sociais por meio da análise linguística e das teorias sociais, dentre elas a ADC, que possui a vertente cognitiva, de Van Dijk, e a vertente da mudança social, de Fairclough (2001a), como distingue Batista (2018).

Para trilhar os caminhos da liberdade discursiva, em específico a das implicações ideológicas que afetam as mulheres em situação de violência, mencionamos que o discurso contribui para moldar e é moldado pelas ações e pela prática social, já situada anteriormente. Nessa perspectiva, o termo ‘discursos’ tem dois significados abstratos para Análise de Discurso Crítica: o primeiro significa linguagem como momento irredutível da vida social, o segundo significa modo particular e forma de ação sobre o mundo e sobre os outros. Na visão de Batista (2008), é um modo de representar a relação dialética entre o discurso e a prática social, uma vez que é na prática social que as pessoas enfrentam conflitos, polêmicas e tensões.

A pesquisa considera a análise linguística como uma possibilidade de associar as questões culturais que envolvem as de poder, como as violências domésticas relatadas no *blog*, por ser um problema historicamente situado.

O patriarcalismo é uma das estruturas sobre as quais se assentam todas as sociedades contemporâneas. Caracterizando-se pela autoridade, imposta institucionalmente, do homem sobre a mulher e filhos no ambiente familiar. Para que essa autoridade possa ser exercida, é necessário que o patriarcalismo permeie toda a organização da sociedade, da produção e do consumo à política, à legislação e à cultura (CASTELLS, 2006, p.169).

Nas palavras de Castells (2006), o patriarcalismo está presente ou é produzido em todas as organizações sociais. Essa constatação produz ou pode produzir, legitimar ou mudar, a condição hegemônica da figura masculina em relação às identidades pessoais.

No pensamento faircloughiano, os textos são produzidos por agentes sociais em eventos sociais, existindo práticas sociais que remetem às ordens do discurso, que servem ou não para legitimar a soberania do discurso masculino nas estruturas sociais.

Nessa rede, temos uma estrutura que se relaciona aos eventos. Cada elemento interno desta rede, ao se relacionar, gera mecanismos de interação e revela questões ideológicas e de poder. Nesse sentido, Fairclough (2001a) postula que cada prática pode ser definida como a articulação dos elementos sociais dentro de uma configuração relativamente estável, incluindo sempre o discurso.

Nesse contexto, as identidades se constroem por meio e nas práticas sociais. Para trabalhar a questão da igualdade de gênero, consideramos que o conceito de identidade pode ser visto sob o prisma do contexto. Giddens (1993) vincula a concepção de identidade a fatores históricos e culturais, mostrando que a sociedade contemporânea ainda justifica o problema social “violência” com base em critérios biológicos.

Sob o olhar de Fairclough (2001a), na construção das identidades, há valores culturais que afetam a autoestima da mulher, como a não aceitação das posições sociais que a mulher ocupa na sociedade. É ‘sabido’ que a diversidade de papéis pode gerar conflitos, pois a sociedade está acostumada a apresentar papéis que são legitimados pela figura masculina, em que ainda há a pretensão de um *continuum* de discurso dominante e dominado. Magalhães

Alexandre Ferreira da Costa, Renata H. de M. Souza e Leosmar Aparecido da Silva

(2006) reafirma que, por trás do discurso da liberação, ainda há um discurso de controle, fruto da sociedade tradicional.

2 A perspectiva funcional e cognitiva da linguagem

Para desvelar as marcas linguísticas ideologicamente marcadas, apresentamos o arcabouço teórico da Linguística Sistêmico-Funcional, por ser uma teoria que analisa e explica os sentidos construídos nas interações do dia a dia, nas atividades de linguagem, às quais reagimos ou não, produzimos linguagem que faz sentido para os interlocutores (EGGINS, 2004).

A Linguística Cognitiva é uma corrente teórica que adota a perspectiva baseada no uso (FERRARI, 2011). Tem como uma das suas principais hipóteses a ideia de que o contexto orienta a construção do significado. E o significado passa a ser visto como uma construção cognitiva, na qual o mundo é apreendido e experienciado. Abreu (2010) salienta que a habilidade natural do ser humano é perceber as similaridades entre duas ou mais entidades e colocá-las em um mesmo grupo. É uma forma de organizar na mente o conhecimento absorvido pelos órgãos do sentido.

Na visão de Lakoff (1987), não existe nada mais básico do que a categorização para o pensamento, a percepção, a ação e a fala. Categorizar é, então, um mecanismo cognitivo usado para organizar o conhecimento que apreendemos do mundo. O nosso sistema conceptual tende a categorizar experiências recorrentes como as mais básicas, as mais lembradas e as mais acessadas. Seria o que a linguística cognitiva chama de *protótipos*. Já as experiências menos recorrentes, menos lembradas ou acessadas são *marginais* em relação aos protótipos.

Para ilustrar o percurso cognitivo e funcional da linguagem trazemos o discurso do Juiz que disse ao assassino de Mércia Nakashima (28 anos quando foi morta pelo namorado¹²). Segundo o magistrado, o crime não foi cometido por "amor", mas "delírio de posse". "Sentimento de amor não faz sofrer. O instinto de propriedade, que é o contrário do amor, é que faz sofrer." A distinção categorial feita pelo juiz (*amor x delírio de posse*) revela como a figura masculina do assassino, que pode ser generalizada para vários outros casos de violência contra a mulher, representa o modo como os homens veem as mulheres: como posse, sendo ele o detentor de sua vida.

Conhecer as ferramentas da linguística cognitiva e da linguística sistêmico-funcional significa para nós, pesquisadores, possibilidades de análises das estruturas internas do texto, formas de balizar o objeto investigado, reconhecendo os significados dos discursos, dando relevo a esse problema social. Para nós, assumir posição é ter coragem para desconstruir, sair do notório, do óbvio, do padrão e do protótipo. O juiz saiu do padrão e desconstruiu a categorização do crime como 'aqueles que são cometidos *por amor*'. Ele preferiu categorizar o crime como *posse*, que, em muitos aspectos difere de *amor*.

Reconhecer os significados é também afirmar que a linguagem, o texto e o contexto são responsáveis pelas experiências humanas. Essas experiências são respaldadas na teoria da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), sob o olhar de Halliday e Mathiessem (2004) ao se propor em estudar as formas léxico-gramaticais, como a transitividade, entendida como um

¹² Segundo a Tribuna Feirense, Mércia foi vista pela última vez em 23 de maio de 2010, saindo da casa dos pais, em Guarulhos, e desapareceu. [O corpo foi encontrado em 10 de junho dentro de uma represa](https://www.tribunafeirense.com.br/noticias/18205/g1-reune-mais-de-4-mil-noticias-de-violencia-contr-a-mulher-em-10-anos.html), em Nazaré Paulista. Fonte: <<https://www.tribunafeirense.com.br/noticias/18205/g1-reune-mais-de-4-mil-noticias-de-violencia-contr-a-mulher-em-10-anos.html>>. Acesso: 10 ago. 2022.

Estruturas e processos cognitivos nos eventos de fala de violência contra a mulher

sistema, representação de ideias e experiências humanas que permitem a identificação não só das ações, mas das atividades que são expressas no discurso. A identificação dos significados é codificada por meio das relações das pessoas e dos objetos, seja nos processos, participantes e circunstâncias, reconhecendo *quem faz o quê, a quem e em que circunstâncias*.

A escolha do gênero *relato/texto*¹³ está relacionada à valoração em que os acontecimentos são narrados pelos eventos sociais. A partir disso, a ideia é analisar a representação da figura masculina em relatos nos textos sobre mulheres vítimas de violência doméstica, em específico, observando o significado representacional¹⁴, por permitir uma visão da identidade masculina retratada, já que, muitas vezes, os leitores, ao lerem os relatos, não conseguem perceber a manutenção da hegemonia masculina.

Sob esse viés, Fairclough (2001a) focaliza a análise linguística em diálogo com a Análise de Discurso Crítica e a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF)¹⁵, destacando uma proposta de análise a partir de três significados do discurso: o acional, o representacional e o identificacional. O autor os relaciona aos gêneros, discursos e estilos. O discurso figura um espaço nessa teoria por representar os modos de ser e de agir.

Conceber como o discurso se manifesta em relatos pessoais é considerar que ele está em constante construção social, com traços mais evidentes, como é o caso do vocabulário, porque os discursos lexicalizam o mundo de diversas maneiras e formas. Fairclough (2001) explica que olhar os textos na perspectiva representacional requer de pesquisadores observar quais elementos dos ‘eventos sociais’ são incluídos e excluídos em sua representação, e quais elementos incluídos têm maior incidência. Van Leeuwen (1997, p. 180) ressalta que “as representações¹⁶ incluem ou excluem atores sociais para servir aos seus interesses e propósitos em relação aos leitores a quem se dirigem”. Castells (2006, p. 24, grifos do autor), destaca que a questão da identidade é marcada pelas relações de poder.

1. *Identidade legitimadora*: corresponde a uma identidade detentora de poder, “introduzida pelas instituições dominantes nas sociedades no intuito de expandir e racionalizar sua dominação em relação aos autores sociais”;
2. *Identidade de resistência*; associada a uma identidade em posição desfavorecida “criada por atores que se encontram em posições/condições desvalorizadas e/ou estigmatizadas pela lógica da dominação”.
3. *Identidade de projeto*: corresponde a uma identidade que se encontrava em posição de resistência, mas conseguiu alguns meios de confrontar as

¹³ Halliday (conforme SILVA, 2000, p. 54) defende a semiótica social. Para ele, o estudo da linguagem é funcional. Sendo assim, “todo texto – isto é, tudo que é dito ou escrito – se desenvolve em algum contexto de uso”.

¹⁴ “Por fim, mais uma categoria de análise do significado representacional que será discutida aqui é a de “significado da palavra”. Fairclough (2001a, p.105) registra que um foco de análise recai sobre o modo como “os sentidos das palavras entram em disputa dentro de lutas mais amplas”, sugerindo que “as estruturações particulares das relações entre os sentidos de uma palavra são formas de hegemonia” (RESENDE, 2002, p.74).

¹⁵ O principal autor da LSF é Michael Halliday. Para Halliday (1994), a LSF é funcional em sua interpretação dos textos, do sistema e dos elementos da estrutura linguística, voltando-se para a descrição da linguagem em um determinado contexto.

¹⁶ As representações são realizadas na oração pelo sistema de transitividade, constituído de três elementos experienciais: *os processos* são itens lexicais que expressam uma ação, um evento, um estado, um processo, um sentimento, um existir. *Participantes* são os elementos que se associam aos Processos para indicar quem age, sente, existe, fala, encontra-se em dado estado. *Circunstâncias* são os elementos que exprimem modo, tempo, lugar, entre outros (BATISTA JR., 2018, p. 58).

Alexandre Ferreira da Costa, Renata H. de M. Souza e Leosmar Aparecido da Silva

ideologias impostas pela hegemonia, ainda não conseguindo assumir uma posição de identidade legitimadora.

Na visão de Castells (2006), os sujeitos sociais constroem suas identidades (legitimadoras, de resistência e de projeto) na sociedade. O autor aponta que, “toda e qualquer identidade é construída e para ele a principal questão acerca da construção da identidade é “como, a partir de que, por quem e para quê acontece”, uma vez que isso é determinante do conteúdo simbólico da identidade” (CASTELLS, 2006, p.23). Quanto à identidade de projeto, podemos dizer que, ao considerar a identidade feminina, ainda temos uma posição de resistência pela imposição hegemônica¹⁷ e pelas relações de poder, em que as pessoas moldam suas identidades por meio de uma dualidade, ou seja, relação de poder entre homem e mulher.

No estudo apresentamos as análises e os resultados desta investigação, com fragmentos retirados do *blog*, contendo relatos de mulheres vítimas de violência. Com relação aos aspectos metodológicos, selecionamos dois relatos de violência do *blog* “Violência contra a mulher”, disponível no seguinte endereço eletrônico: [Violência Contra a Mulher: Histórias Reais \(violenciacontraamulher2011.blogspot.com\)](http://ViolenciaContraaMulher2011.blogspot.com)

A pretensão é apresentar nos relatos extraídos do *blog* “Violência contra a mulher”, da Universidade de Brasília, os discursos das mulheres ao se referirem aos seus agressores, destacando os processos, os participantes e as circunstâncias nas práticas de violência e também os modos de categorização percebidos nos relatos.

3 Mulheres: símbolos de violência ou identidade?

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher
(BEAUVOIR, 2009, p. 267)¹⁸

Tornar-se mulher essencialmente pressupõe uma identidade em construção social, com objetivos e posturas que favorecem a emancipação, o que de fato é politicamente ainda problemático. Nesse evento, problematizamos o processo, revelando, por meio da linguagem, os discursos numa visão representacional. Para analisar os processos verbais que se situam tanto no mundo narrado (os textos narrativos, por excelência) quanto no mundo comentado (os textos argumentativos), pontuamos que o mundo comentado apresenta atitude tensa pelo fato de o falante estar tenso pela dramaticidade do discurso e pelos posicionamentos opostos que geram toda a discussão. O mundo narrado também não deixa de ser tenso, uma vez que as narrativas apresentam um clímax, muitas vezes dramático e que pode suscitar discussões e problematizações.

Para situar esses mundos, a princípio, trazemos o relato comentado da participante *Luciana Andrade*, de Foz do Iguaçu/PR (2011), que sofreu a primeira violência do namorado quando tinha 17 anos de idade. Luciana usa de qualificadores/atributos como *cuidadoso*, *carinhoso* e *amor de pessoa* para evidenciar como era no início de seu namoro. Ele

¹⁷ Nas palavras de Fairclough (1997, p.80), “o conceito de hegemonia implica o desenvolvimento - em vários domínios da sociedade civil (como o trabalho, a educação, as atividades de lazer) - de práticas que naturalizam relações e ideologias específicas e que são, na sua maioria, práticas discursivas”.

¹⁸ Simone Lucie-Ernestine-Marie Bertrand de Beauvoir, mais conhecida como Simone de Beauvoir, foi uma escritora, intelectual, filósofa existencialista, ativista política, feminista e teórica social francesa. Fonte: <https://citacoes.in/autores/simone-de-beauvoir/mulher/>. Acesso em: 30 abr. 2022.

Estruturas e processos cognitivos nos eventos de fala de violência contra a mulher

desempenhava o papel de homem carinhoso, que reconhece e valoriza a mulher, realmente um ‘protetor’. Com o passar do tempo, Andrade, a vítima, nota que seu namorado muda de comportamento, tornando-se agressivo. Esse aspecto comportamental pode ser percebido por meio dos verbos (em negrito) no tempo passado e são associados a qualificadores/atributos (em itálico), que apresentam o modo como ele atua, com violência.

Fragmento 1 - Relato de Luciana Andrade

A primeira vez que ele me **bateu** *ele estava muito bêbado*, e me **deu** *um tapa na cara*, porque ele não **havia** *gostado do que eu disse pra ele*. No momento **fiquei** *muito apavorada*, **desci** do carro e queria ir.

No fragmento (1), o uso do pronome *me* mostra que Andrade é a experienciadora¹⁹ de uma lembrança e também paciente dos eventos/fenômenos expressos pelo verbo *bater*, indicativo de dano físico. A experienciadora (vítima, pessoa) é participante da transitividade verbal e se mostra passiva diante da agressão. A experiência interna de Luciana (processo mental) não a deixa mudar o resultado da ação, cujo significado mostra que ela não acreditava que o seu companheiro era um agressor. De acordo com Halliday e Mathiessen (2004) é a experienciadora que sente e vive o processo. O uso da elipse do sujeito dos verbos *ficar* e *descer* marca a reação dela diante da circunstância vivenciada.

O emprego da forma verbal *deu* fora de seu uso básico indicativo de transferência de um objeto para alguém, representa um evento de transferência com traço concreto da agressão, nesse caso, o complemento e adjuntos *um tapa na cara*. O ato de violência física é o tipo mais prototípico de violência (*me deu um tapa na cara*), contudo, no dado, percebe-se também a violência verbal (*não havia gostado do que eu disse para ele*), que se situa como uma representação menos prototípica de violência²⁰, atuando nos níveis mental e emocional. revelam que o agente e a paciente apresentam modelos de comportamentos situados por relações de poder.

Mesmo no início do relacionamento, o agressor já está no nível máximo de violência. Walker (1979) *apud* Angelim (2014, p. 47) relata que “ocorrem violências graves, como tapas, tiros, queima de roupas; é observado que, nesse momento, pode ocorrer a intervenção de terceiros, ou uma separação”. Esse aspecto é observado quando Luciana Andrade descreve outra situação grave de violência:

Fragmento 2 - Relato de Luciana Andrade

Na outra vez que ele me **bateu** *foi em uma discoteca na frente de todos* porque eu **havia** *perdido um cartão que dá acesso a conta da boate*. Eu **chorei** *muito*, e os amigos dele **queriam** *me levar embora* mas eu **acabei** *perdoando ele mais uma vez*.

¹⁹Para Feltes (2007), o experienciador é a entidade que recebe *input* sensorial ou emocional.

²⁰ Dizer que a violência verbal é menos prototípica é no sentido de que normalmente as pessoas veem esse tipo de violência como um fenômeno menos representativo de violência e, por isso, atribuem a ele menor relevância. As leis, contudo, já apontam para a necessidade de atribuir mais valor à violência verbal, visto que ela antecede a violência física.

Alexandre Ferreira da Costa, Renata H. de M. Souza e Leosmar Aparecido da Silva

No fragmento 2, a violência transgride regras de convívio social, tendo-se em vista que o agente agride a mulher na frente dos amigos em um lugar público. O que ocorre é uma espécie de indignação contra o ato de violência. As consequências do ato violento ultrapassa as feridas do corpo e atingem o nível emocional a ponto de provocar uma ação direta de pessoas que convivem com o casal: *os amigos dele queriam me levar embora*. O ato de violência sofrido, no cenário de uma *discoteca*, revela que não há punição para o agente, mas sim perdão, como a própria Luciana Andrade relata: *acabei perdoando ele mais uma vez*. Nesse enunciado, ao se fazer uso de uma perífrase verbal (*acabei perdoando*), a relatora mostra que há aí um processo mental envolvido na situação. Na proposta da léxico-gramática de Halliday e Matthiessen (2004) *apud* Fuzer e Cabral (2014), os processos mentais podem indicar afeição, cognição, percepção, desejo. O perdão estaria integrado à noção de afeição, mas ele não é concedido de imediato, é processual. É por isso que há, na perífrase verbal *acabei perdoando*, um marcador de aspecto terminativo (*acabei*) associado ao evento matriz. Além disso, o circunstanciador temporal iterativo *mais uma vez* indica o pressuposto de que, em um momento anterior, houve outras agressões. A iteratividade das agressões revelam ainda que prototipicamente a vítima é uma mulher e o agressor é o homem. A frequência das agressões, nesse caso, é discursivamente relevante porque confirma o que os dados e os noticiários sobre violência contra a mulher revelam: há o predomínio da agência de homem sobre a uma mulher, paciente.

As variáveis usadas por Andrade, em seu relato, objeto-de-discurso, “são construídas em práticas discursivas e cognitivas social e culturalmente situadas” (MONDADA; DUBOIS, 2003, p. 17). A atividade discursiva recategorizada por ela mostra que o objeto do discurso *agressivo* é apresentado no discurso dela por diferentes modelos de referenciais, como:

Fragmento 3 - Relato de Luciana Andrade

Ele começou a se mostrar mais **agressivo**, qualquer coisa *gritava* muito comigo, me *tratava muito mal*, eu *emagreci muito*, passo mal, tenho *problemas nervosos*, preciso tomar *remédios controlados* por causa disso.

Tais escolhas marcam a maneira como a mulher percebe os fatos e o ator social. Linguisticamente, as escolhas lexicais e gramaticais são fruto de situações discursivas vivenciadas e envolvem a prática social. O fragmento 3 pode ser dividido em basicamente quatro partes: 1) a percepção da personalidade agressiva do agente pela narradora (*começou a se mostrar mais agressivo*); 2) a demonstração de atos agressivos (*grita, tratava mal*); 3) a consequência dos atos agressivos (*emagreci muito, passo mal, tenho problemas nervosos*); 4) a solução paliativa para os problemas físicos provocados pelos atos violentos (*preciso tomar remédios controlados*).

No que se refere à personalidade agressiva, veja-se que ela é relatada em termos de graus de agressividade. A palavra mais graduando *agressivo* mostra que, no decorrer do tempo, houve um aumento no grau de agressividade. No que se refere à demonstração de atos agressivos é que a relatora enumera no mínimo dois atos (e não apenas um), ambos também graduados pelo intensificador *muito* (*gritava muito, tratava muito mal*). Não de forma diferente, ao tratar das consequências, a relatora enumera três delas que ocorrem no nível físico e mental. Por fim, a solução paliativa se dá no entorno vítima da agressão, por meio de medicamentos, e não no entorno do agressor. Não há, portanto, mudança de atitude, mas de aceitação, *tomar remédios controlados*, como se isso resolvesse o problema social.

Estruturas e processos cognitivos nos eventos de fala de violência contra a mulher

No fragmento 3, a violência é marcada pelo ato de gritar, tratar mal, possibilitando um estado metonímico: à medida que as agressões físicas e emocionais aconteciam ela passou a emagrecer, ter problemas nervosos e ter que tomar remédios, causando medo e paralisação. Além disso, embora sejam visíveis as consequências do ato agressivo nos níveis mental, físico e emocional, há presença de um protótipo (representação social) de ‘Homem’ (Ele) como aquele que é “homem macho” e de uma ‘mulher’ como sexo “frágil”, que aceita as agressões. Assim, o fragmento 3 aciona um protótipo de homem e mulher que representa um estereótipo social que, há algum tempo, já vem sendo combatido pelos estudos de gênero e afins.

Nos fragmentos analisados as mulheres vítimas de violência passam por uma série de ciclos de agressão, que se tornam viciosos, pois elas não apresentam uma *identidade de projeto*, que deveria existir, como é destacado no fragmento 4, a seguir:

Fragmento 4 - Relato de Luciana Andrade

Ele começou a me ameaçar, eu não podia sair de casa, não podia ter amigos, não podia fazer nada.

O ruim é que **eu não tive coragem de contar a ninguém** o que acontecia comigo, sempre fingia estar feliz, o que foi um grande erro porque na verdade eu sofria muito.

No fragmento (4), os modelos metonímicos de efeito (não ter coragem de contar para ninguém, fingir estar feliz) pela causa (a violência) mostram que a violência é marcada pela ameaça, pelo cárcere e pelo cerceamento social, gerando situações como esconder a situação da família, dos amigos e dos vizinhos. Não ter liberdade, ter medo, sofrer e não ser feliz, são estados anímicos prototípicos do conceito de *ameaça*.

No relato, ocorre ainda a marcação da *identidade de resistência*, porque Andrade se encontra em posição desfavorecida, de ameaças, cárcere privado, medo e ausência de identidade, não assume a posição de *legitimadora*, não gera mudança social. Magalhães (2006, p. 129) ressalta que “as identidades são constituídas em uma relação dialética entre discurso e outros elementos da prática social”. No relato do fragmento 4, não há elemento léxico-gramatical indicativo para verificar a mudança social relacionada às questões de gênero, com a noção de reflexividade²¹. Assim, reafirmamos que os aspectos identitários são reflexos de outros discursos, o significado representacional produzido por Andrade configura a realidade social produzida em si mesma.

Fairclough (2001a) explica que a construção social de práticas inclui a autoconstrução reflexiva. Por esse motivo, só no final do relato, ocorre a ativação e reconfiguração da prática, como vemos no Fragmento 5, a seguir:

Fragmento 5 - Relato de Luciana Andrade

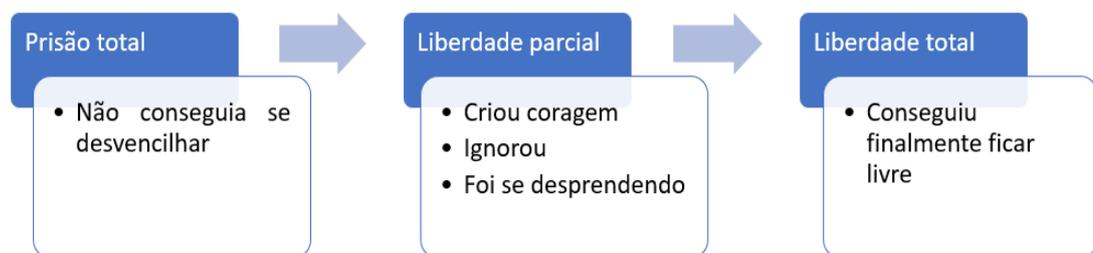
Eu não **conseguia** me desfazer dele, mas **fui criando** coragem aos poucos, **ignorando** ele, me **desprendendo**, e **consegui** finalmente ficar livre.

²¹ “Reflexividade é um outro conceito caro para a ADC, pois reflexividade sugere que toda prática tem um elemento discursivo, não apenas porque envolve, em grau variado, o uso da linguagem, mas também porque construções discursivas sobre práticas são também parte dessas práticas”. (RESENDE, 2022, p.45).

Alexandre Ferreira da Costa, Renata H. de M. Souza e Leosmar Aparecido da Silva

Ao fazer uso de formas verbais como *conseguiu*, *fui criando*, *desprendendo* e *consegui*, configuram uma mudança de atitude por parte de Andrade, que não aceita mais a hegemonia masculina. Nesse caso, temos o princípio da reflexibilidade ‘consciência reflexiva’ (GIDDENS, 1993), que está associada à capacidade da mulher de usar suas práticas e se reposicionar, pois a reflexão é que conduz à mudança (FAIRCLOUGH, 2001). A consciência reflexiva não ocorre de imediato, de forma abrupta. O próprio relato de Andrade mostra que houve um processo, marcado por fases distintas a caminho da liberdade, o que pode ser observado na figura 1, a seguir:

Figura 1: fases do processo de libertação de violência de gênero



A gradação da violência sofrida por Luciana ocasiona a causa ao propósito, é justificada moralmente por ter um pequeno grupo de mulheres que lutam para se libertar dos agentes agressores. A experienciadora²² luta contra o modelo prototípico de violência metonímica *causa pelo efeito*, em que as mulheres não têm direito a nada e têm que aceitar a agressão.

No segundo relato analisado, apresentamos as orações, nas quais são desencadeados os processos mentais de Roseni, Brasília-DF (2011), que descreve as situações de agressão sofridas por ela, cometidas pelo marido, como queimaduras, estupro e tiros. Ao contrário de Andrade, Roseni chega a buscar ajuda na delegacia. Nessa prática, a busca de outras vozes, como a da *delegacia*, não resultou em uma ação de libertação: *Fui à delegacia dar queixa, e a delegada perguntou se eu tinha testemunhas do fato. Ora, eu estava ali queimada*. A busca da delegacia, expressa pelo marcador de circunstância locativa *ali*, situa a marcação de um espaço social que representa a busca de autoridade para o contexto/agressão sofrida.

Os traumas vividos por Roseni ao fazer uso do item lexical *separação* remetem ao discurso jurídico, como ruptura contra os atos de violência, porém o marido, o agressor, não aceita e o uso da palavra *separação* remete a mais atos de violência, como em *Após seis tentativas de separação, fui vítima de cinco balas disparadas por meu ex-marido, e eu carrego todas essas marcas e a cicatriz na alma*. Se considerarmos as referências utilizadas pela autora em relação às *marcas e cicatriz na alma*, percebemos que as consequências do ato agressivo precisam ser tratadas psicologicamente, porque, além das marcas físicas e cicatrizes, sua alma também precisa de ajuda para recomeçar.

O modo como Roseni representa a realidade a partir de suas experiências no mundo, ou seja, em seu casamento, expressam as circunstâncias em que os atos aconteceram, o modo, o lugar e os sentimentos provocados, ocasionando na prisão do agressor pelo período de cinco anos. *Ele foi condenado a apenas cinco anos de prisão, mas, mesmo assim, a Lei Maria da*

²² “Há também os participantes Experienciador (aquele que percebe, pensa, deseja ou conhece) e Fenômeno (o que é percebido, pensado, desejado ou conhecido). Os participantes são normalmente humanos, mas o Experienciador pode também se realizar por uma entidade inanimada dotada de consciência humana”. (FUZER, 2017, p.22).

Estruturas e processos cognitivos nos eventos de fala de violência contra a mulher

Penha é um avanço e uma esperança. Esse princípio é reforçado pela menção à “lei” no sentido discursivo que determina o cumprimento, algo material do processo, o agenciamento.

A respeito da análise tecida, vimos que toda pesquisa social crítica deve ser reflexiva também a respeito de sua própria prática, ou seja, uma análise em ADC e em Linguística Cognitiva é uma análise da posição do discurso que é feito, bem como o reconhecimento de seus efeitos.

Considerações sobre o ponto de chegada

[...] O que dizer, então da emancipação e da igualdade das inteligências, da afirmação de que marido e mulher têm a mesma inteligência! Um visitante perguntou a M. Jacotot se, em tais condições, as mulheres ainda permanecerão belas! Privemos, pois, de resposta esses embrutecidos, deixemo-los dando voltas em torno de seu círculo acadêmico-nobiliário (RANCIÈRE, 2015, p. 151).

Círculo remete a algo contínuo, que aumenta a intensidade, envolve participantes, conflitos, injustiças e visão machista de homens embrutecidos. Desconstruir o embrutecimento requer inteligência, rupturas e respostas contra os atos de violência doméstica. Realmente, assim como M. Jacotot comentou, “as mulheres ainda permanecerão belas!”, porém não mais empobrecidas, mas providas de inteligências e ainda mais belas por terem conquistado sua liberdade (RANCIÈRE, 2015, p.151).

No artigo, vimos que, entender os implícitos dos discursos analisados, requer cada vez mais análises do problema da violência doméstica e sua correlação com a linguagem. No contexto de situação analisado, o *blog*, em específico, ainda ocorre a hegemonia do gênero social em relação às questões identitárias.

Nas discussões trazidas na análise em relação ao significado representacional ficou evidente que é por meio da ação social que as mulheres expressam suas experiências com o mundo, mesmo que ainda seja sobre atos de violência sofridos.

O uso da Análise de Discurso Crítica e da Linguística Cognitiva serviu para retratar os aspectos da realidade de um evento, as relações sociais ali encontradas e as identidades dos participantes, compreendendo as relações das funções sociais da linguagem e a organização do sistema linguístico. Essa proporção mostrou que os discursos tecidos nos relatos ainda mantêm a propagação de uma ideologia dominante do gênero social. A base teórica usada é uma das formas de reconhecer as causas do problema e as evidências, bem como as possíveis soluções para as relações de violência doméstica. Daí a necessidade de estudar os sistemas internos da língua, tendo como foco as funções sociais.

Nos relatos, observamos que as identidades ainda são moldadas pela herança patriarcal, ou seja, pelas figuras masculinas e femininas, com padrões sociais e aspectos linguísticos, que continuam a ser legitimados. Quanto aos aspectos linguísticos presentes na análise, notamos que os qualificadores/atributos deixam claro o modo de atuação violenta em que o agente, homem, atua sobre a mulher. Os verbos no tempo passado, além de trazerem à lembrança algo anterior ao momento da enunciação, podem expressar também silenciamentos, como aqueles em que os atos violentos foram perdoados diversas vezes.

Destacamos ainda que as mulheres ora tomavam possíveis sentimentos e emoções gerados pela violência, como medo, insegurança e pavor, o que mostra que a violência se dá não apenas no plano físico, mas no emocional, social e psíquico.

Alexandre Ferreira da Costa, Renata H. de M. Souza e Leosmar Aparecido da Silva

O que de fato é esperado é a emancipação feminina em relação ao patriarcado, já iniciada com o movimento feminista e que constitui uma instrução de Rancière (2015, p. 148): “ora, a instrução é como a liberdade: não se concede, conquista-se”. A linguagem traz evidências nos discursos, mas a libertação e luta por igualdade é algo que ainda precisa ser conquistado.

Referências

- ABREU, A. S. *Linguística Cognitiva*. São Paulo: Ateliê Editorial, 1ª edição, 2010.
- ANGELIN, F. P. Construindo novos discursos sobre a violência doméstica. Uma articulação entre a Psicologia Clínica e a Justiça. (Dissertação de mestrado em Psicologia). Instituto de Psicologia. Universidade de Brasília, Brasília, 2004.
- BATISTA JR, J.R. *Análise de Discurso Crítica*. Parábola, Parábola Editorial; 1ª edição, 2018.
- BARTON, D. *Literacy: an introduction to the ecology of written language*. Oxford, Grã-Bretanha e Cambridge, E.U.A.: Blackwell, 1994.
- BEAUVOIR, S. *O segundo sexo*. Tradução Sérgio Milliet. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BUTLER, J. *Violencia de Estado, guerra, resistencia*. Por una nueva política de la izquierda. Tradutor: Patricia Soley-Beltran. Madrid: Katz Editores, 2011.
- CASTELLS, M. *O poder da Identidade*. Tradução de Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz & Terra, 5ª ed., 2006.
- FAIRCLOUGH, N. Discurso, mudança e hegemonia. In: PEDRO, E. R. (Org.). *Análise crítica do discurso: uma perspectiva sociopolítica e funcional*. Lisboa: Caminho, 1997, pp.77-104..
- FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora da UnB, 2001a.
- FELTES, Heloísa Pedroso de Moraes. *Semântica Cognitiva: ilhas, pontes e teias*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.
- FERRARI, L. O que é Linguística Cognitiva. In: _____. *Introdução à linguística cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011. p. 13-28.
- FUZER, C; SILVA, T. S. da. *Linguagem e representações: estudos em linguística sistêmico*-1. ed. – Santa Maria: UFSM, PPGL Ed., 2017.

Estruturas e processos cognitivos nos eventos de fala de violência contra a mulher

GIDDENS, A. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. Tradução e Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade estadual paulista, 1993.

HALLIDAY, M. A. K. I. *Introduction to functional grammar*. Londres: Edward Arnold, 1994.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. *Introduction to Functional Grammar*. London: Arnold, 2004.

KOCH, I. *Argumentação e linguagem*. São Paulo: Cortez, 2002.

LAKOFF, George. *Women, fire, and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

MAGALHÃES, I. Discurso, ética e identidades de gênero. In: *Práticas identitárias: língua e discurso*. p. 71-96. São Carlos: Claraluz, 2006.

MARCUSCHI, L.A. Gêneros textuais no ensino de língua. In: *Produção Textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. p. 145-186.

MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. Tradução Cavalcante, M. M. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (Org.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, p. 17-52, 2003.

RANCIÈRE, J. *O mestre ignorante – cinco lições sobre emancipação intelectual*. 3. Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

RAJAGOPALAN, K. O conceito de identidade em lingüística: é chegada a hora para uma reconsideração radical? In: SIGNORINI, I. (Org.). *Lingua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 1998. p. 21-45.

SILVA, T. T. (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

STREET, B. *Literacy in theory and practice*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

VAN LEEUWEN, T. *A representação dos atores sociais*. Em: PEDRO, E. R. (org). *Análise crítica do discurso – uma perspectiva sociopolítica e funcional*. Coleção Universitária, Série Linguística. Dirigida por Maria Raquel Delgado Martins. Editora Caminho, Lisboa, 1997.

<http://violenciacontraamulher2011.blogspot.com/> acesso em 30/04/2022.

**Alexandre Ferreira da Costa, Renata H. de M. Souza e Leosmar
Aparecido da Silva**

<https://www.tribunafeirense.com.br/noticias/18205/g1-reune-mais-de-4-mil-noticias-de-violencia-contra-a-mulher-em-10-anos.html>. Acesso em 20/05/2022